ANO 3.º LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 1923 N.º 615

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

DO ultimo livro do major sr. Ferreira do Amaral — uma figura de militar moderno, encarnando o Portugal de todos os tempos — livro que se intitula *A Batalha do Lys* e pretende ensinar aos portugueses dementados ou indiferentes o que foi o *9 de Abril*, recortarmos os seguintes trechos:

«O cidadão português se vê uma Cruz de Guerra Portuguesa ao peito de um oficial, de um sargento ou de um soldado ri-se desdenhosamente e á sucapa vai dizendo aos seus amigos, piscando o olho com ares saloios:

Aquilo!... é fita!...

Não ha duvida que é uma fita com um bocado de bronze pendurado!

Mas o que esse pedaço de bronze simbolisa não o sabem 99 o/o dos cidadãos portugueses!

Esse pedaço de bronze tem a forma de uma cruz, como de resto a teem a Cruz de Guerra Francesa, a Military Cross Inglesa, a Cruz de Ferro Alemã, etc.

Porém, para nós Portugueses a forma da nossa Cruz de Guerra representa as mais sagradas tradições da nossa nacionalidade.

Foi á sombra dessa Cruz, que Afonso Henriques talhou a Nação Portuguesa.

Antes dele, no tempo do conde D. Henrique e depois dele até D. Dinis, não houve em em terras de Portugal, golpe de espada, lançada ou cutilada, que os portugueses não dessem, tendo essa cruz por testemunha.

A nossa Cruz de Guerra é a Cruz da Ordem dos Templarios! Quando o Rei Afonso VI de Espanha entregou a D. Henrique o condado de Portugal e lhe deu a mão de sua filha D. Teresa, apareceram tambem ao lado da infanta de Portugal um grupo de homens que se vinham batendo em terras de Espanha desde data anterior a 1021 contra os mouros. Essa pleiade de bravos que se bateram tanto por fé religiosa como pela temeridade incontestada foram mais tarde os melhores cooperadores do seu filho D. Afonso Henriques.

Essa gente que muitas vezes resou as suas melhores preces ao altissimo, dando cutiladas formidaveis de cima dos seus ginetes de guerra, eram os Templarios».

«Os soldados de Portugal, que estiveram na Flandres e sobretudo os sobreviventes da «BATALHA DO LYS», que no dia 9 de Abril de 1918, se bateram ao lado de duas Divisões Britanicas, cedendo aos soldados do Imperio Alemão, apenas 8 quilometros de terreno em 8 longas horas, debaixo de uma chuva de ferro e fogo, choram em silencio lagrimas sentidas. E nesse choro que lhes escalda as faces contraidas, só já lamentam uma unica coisa!

....

Em Portugal todos os politicos, sem excepção alguma, discutiram muito o *9 de Abril*, mas todos eles não procuravam sinceramente salvar a honra da Nação.

Toda essa *miseria moral* nada mais foi do que uma discussão de interesses partidarios e pessoais!

Acima de toda essa *lama* ha uma volumosa afirmação a proclamar bem alto a todos eles!

Os soldados de Portugal estiveram na Flandres, estavam no dia 9 de Abril de 1918 nas planicies de La Lys *só por uma unica razão*, PORQUE TINHAM NASCIDO EM PORTUGAL! E esse facto, que devia honrar, que devia lisongear, que devia preocupar o cidadão português (que lá não esteve), é apenas motivo de calunias e de motejos grosseiros...

Pois é necessario que todos se convençam de que os mais famosos politicos de Portugal, durante a grande guerra, estão muitos furos abaixo do mais modesto dos nossos soldados da Batalha do Lys e é por isso que o 9 de Abril não pertence, nunca pertenceu nem pertencerá a politicos. Que a sensibilidade moral dos politicos portugueses se não moleste com esta afirmativa, porque Clemenceau não hesitará nunca em afirmar que se considera abaixo de um soldado francês que tenha entrado em qualquer das batalhas do Marne. No dia em que Joffre defendeu a França na 1.ª batalha do Marne e no dia em que Foch derrotou a Alemanha na 2.ª batalha do Marne, os primeiros cidadãos da França eram os soldados que lá se batiam, uns recuando, outros avançando».

PORTUGAL

A guerra marcou o fim de muita coisa — a ruina dum mundo, duma civilisação, porventura. A paz que se lhe seguiu não pôde ainda travar a marcha das derrocadas.

Os povos que se bateram, nos campos de batalha, ao mesmo tempo que jogavam a sua existencia numa luta formidavel, unica na historia, sentiam que, depois de tanta mortandade, a terra não ficaria eternamente manchada de sangue.

Que vida nova surgiria?

Esta pregunta, que muitissimos soldados deviam ter formulado, nas suas horas de febre, ainda não encontrou uma resposta decisiva.

Não passarão muitos anos, porém, sem que uma grande primavera presenteie o homem com a sua ceara e o seu pão.

As dores de ontem, as amarguras de hoje são a garantia dum futuro melhor.

Depois de tantas discussões, duvidas e temores os povos reconstruir-se-hão inspirados por qualquer ideia feliz.

A nossa consciencia, que se debate numa serie de conflitos intimos em que brigam as aspirações mais opostas, avança para uma sintese perfeita.

Entretanto, emquanto o sol não brilha alto, soberano, nós temos que romper esta sombria paz em que nos angustiamos, sacrificando-lhe as nossas forças.

Portugal bateu-se na guerra, obedecendo a um pensamento que nada tinha de mesquinho: ofereceu o sangue dos seus filhos, para que o solo latino, que recolheu as sementes impereciveis do solo helenico, não fosse talado pela barbarie, nascida duma cultura que fez do cerebro o escravo do instinto.

Que trouxe ele da tremenda chacina?

A' primeira vista sómente isto—cutiladas, sofrimentos e miserias.

Se, porém, mais atentamente pensarmos que a guerra é um fruto natural das ambições dos povos ou das raças, reconheceremos que Portugal, queimando-se, ao lado dos aliados, purificou o seu animo para altos cometimentos.

O *9 de abril* não foi uma derrota nem uma simples quebra de coragem, porque se integra, cheio de orgulho e belesa, na historia da guerra, como uma das muitas provações que antecederam e prepararam a vitoria.

Nós cumprimos o nosso dever, num nobre gesto de renuncia.

Fazendo o que fizemos, impusemo-nos ao respeito dos outros, criando fé e confiança nas virtudes da raça.

A TRESPASSOMANIA...

— Que estás fazendo?

— A tirar os moveis do predio das minhas bonecas porque o papá tambem o vai trespassar...

O ESTADO, como qualquer particular, quando celebra um contracto, necessita saber bem o que faz, para que depois, servindo-se da sua situação priveligiada, não venham a faltar aos compromissos que assumiu.

O que se passou com a emissão da estampilha comemorativa do «raid» Lisboa-Rio de Janeiro, é de molde a fazer pensar.

Quando os respectivos concessionarios se julgavam no uso dum direito, cumprindo as obrigações que haviam assumido, eis que o Estado lhes vem dizer que, estudando melhor as condições estabelecidas, achava que estas lhe eram desfavoraveis, exigindo outras melhores.

E' isto justo? E' isto legitimo?

Parece-nos que não. A boa fé dos contractos merece maior respeito. Admitindo que a emissão da estampilha era um *negocio da China*, porque não houve da parte das entidades publicas que a apreciaram um cuidado mais rigoroso em defender os interesses do Tesouro?

Desde que não se deu dolo, erro, coação ou qualquer clausula impeditiva, o contracto devia ser mantido.

Achamos muito bem que a intervenção feliz dos srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral tenha alcançado para a aviação maritima a respeitavel soma de 3.000 contos.

Preferiamos, porém, que a emissão fosse feita pelo Estado, representado quer pela Administração Geral dos Correios quer por esta entendida com a Aviação maritima.

Desde o momento que ninguem, nas regiões oficiais, se lembrou de tal, o individuo ou individuos que tiveram a iniciativa da emissão não deviam ser tratados como foram, recusando-se-lhes á ultima hora a liberdade de pôr em giro a estampilha, se não acedessem a uma maior partilha nos lucros. Como sempre, a unica vitima é o consumidor—neste caso o consumidor de estampilhas.

As colecções, em vez de serem vendidas a um determinado preço, que permitiria a muita gente adquiri-las, tiveram que sofrer um maior desvio entre o seu valor facial e o valor de mercado, aliás não seria possivel dar aos correios 500 contos e 3.000 á aviação maritima, além do lucro razoavel dos concessionarios, pois ninguem está resolvido a trabalhar de graça.

Não se evitaria tudo isto, se a tempo e horas o Estado procedesse com as cautelas necessarias? Bom é que a lição aproveite, evitando-se a repetição de casos tão deploraveis.

Visto estarmos com a mão na massa, como costuma dizer-se, afigura-se-nos conveniente que o sr. ministro do Comercio estude a possibilidade de se fazer todos os anos a emissão de estampilhas comemorativas dos feitos mais notaveis da nossa historia que, sendo uma fonte de receita, não deixarão tambem de concorrer para fixar na inconstante memoria das turbas factos e nomes que constituem o nosso orgulho de portugueses.

* * *

SUMARIO do n.º 14 dos *Fantoches* de Rocha Martins:—*Militares, Sentido!—O Eden dos Lucros Ilicitos — O ultimo incarnamento do Mau Ladrão — Lelagôa-bay ou Delagôa-se vai-se?*

* * *

DEVE ser posta á venda, daqui a alguns dias, a *Farça do Ciume*, do brilhante dramaturgo Afonso Gayo, que é destinada ao Teatro Nacional.

Pelo "sport"

JUNTO DAS REDES

O Campeonato de Lisboa

O Sporting Club de Portugal venceu ontem o Imperio Lisboa Club por 6 bolas a 2. Com esta vitoria, o Sporting assegurou-se o campeonato da primeira divisão, tendo terminado a serie de jogos que lhe competia fazer, com 14 pontos de classificação. O seu mais directo rival — o Belenenses — tem 11 pontos, faltando-lhe ainda um jogo, que, a traduzir-se por uma vitoria, o deixará a um ponto de diferença do campeão.

Na cauda da divisão, ficou o Internacional, que, na melhor das hipoteses, terá três pontos.

Por conseguinte, efectuados os encontros de domingo proximo, e que em nada poderão já influir no campeonato; os jogos a efectuar, para efeitos de promoção, serão os seguintes:

Portugal (campeão da promoção) contra União (ultimo classificado da 2.ª divisão).

Casa Pia (campeão da 2.ª divisão) contra Internacional (ultimo classificado da 1.ª divisão).

Se o Casa Pia bater o Internacional, este passará para a segunda divisão, e aquele para a primeira, devendo ser jogada a final do Campeonato de Lisboa entre o Casa Pia e o Sporting.

Taça Pinto Basto

Recomeçam no proximo domingo os «matchs» da Taça Pinto Basto, devendo efectuar-se os seguintes encontros:

Faculdade de Medicina contra Escola Naval, ás 13 horas.

Escola Militar contra Instituto Superior Tecnico, ás 15 horas.

Instituto Superior do Comercio contra Faculdade de Direito, ás 17 horas.

PELOS CLUBS

Sport Algés e Dafundo

Conforme resolução tomada em Assembleia Geral do Sport Algés e Dafundo, foi aumentada a quota deste club para 2$50, e estabelecida a joia de 10$00, podendo esta ser paga em três prestações.

PAPEIS "RIBOLDA"

Para maquinas de escrever, segundas vias e de impressão para duplicadores.

OLIVER LIMITADA

Telef. N. 3158 — RUA DA PRATA, 250, 2.º

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º

TELEF. C. 1196

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO 74

NÃO COMEM, DEVORAM!

TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS

Superior ao óleo de bacalhau e emulsões

INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, CORDEIRO FERREIRA, ETC.

FARMÁCIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18

CRONICA DA MACEIÓ

Três linhas de jornal

por Carlos de Abreu

Publicamos hoje um interessante conto do jornalista brasileiro Carlos de Abreu, doublée de actor, que em Lisboa marcou já com raro brilho as suas qualidades histrionicas na companhia Chaby Pinheiro. Carlos de Abreu, como os leitores terão ocasião de apreciar no conto que segue, tem uma visão nitida, humana e arrepiante da vida. Escreve com uma grande sensibilidade; traça psicologias e tem admiraveis toques descriptivos. Sendo a um tempo jornalista e actor, as suas duas facetas artisticas não se prejudicam, pelo contrario, embelezam-se e engrandecem-se, pela visão da primeira e pela sensibilidade da segunda.

E' amanhã. E pela rua longa e alegre, de transeuntes contentes que vão de manso, garotos que cantarolam, perpassa, rapido e agreste, aquele brado soluçante. Param os que passeiam, os que vão ao trabalho, os que cantam. E a alegria se esvai e o ar feliz foge dos rostos anceados. Já não é o brado longinquo, em soluço, do fim da rua. E' a propria Dôr a contorcer-se naquele corpo de mulher velha que se arrasta ou corre, que salta ou voa, em imprecações ou uivos, em guinchos ou gritos de pranto. Dentro em pouco, abertas as portas, as janelas das casas alvas, a multidão, na rua, rodeia a mulher de João Vicente e contem e abafa o choro ululante.

Enforcára-se João Vicente!... E o grito estridente correu a outras ruas, de boca em boca, janela a janela, da quieta Pajussára á bulhenta Maceió.

Tinha chegado havia dias, de Pernambuco, aonde fôra para visitar a filha...

....

...Num primeiro andar equivoco, a escada encerada, passadeira até á porta que reposteiros caros e de mau gosto, velavam num delicioso convite.

Mas a rapariga não aparecia. Viera a criada a dizer-lhe que entrasse. Da ante camara passara á saleta, o passo grave, o olhar cansado nos moveis de arrebiques, nos *abtjours* eróticos, no *toilette* rebrilhante de essencias faiscantes como venenos, de laçarotes lustrosos como humidas caricias. Em cada canto gritavam detalhes pulhas. Havia roupas atiradas aqui, acolá, molemente, pelas cadeiras, pelos divans. Tudo, tudo, o velho tocava com o olhar cansado e severo, em arfar de angustias. E era aquele perfume canalha a irritá-lo e a acender-lhe a pupila...

...Assomou á alcova, em *déshabillé*, a filha, risonha, de olhos bistrados, um beijo carminado a soltar-se dos labios...

...Conteve-se o velho. E eram agora aquelas sedas que lhe moldavam a carne, a gritar-lhe, a ele, vergonha, a chibatá-lo, a ele, em cheio nas faces...

Porque não preferira o viver honesto com aquele que a desencaminhara embora, mas que se lhe oferecera a reparar o mal?! Porque o enganava a filha e o trazia assim acorrentado e calado com esse dinheiro que lhe mandava... Notas rescendentes a pós de arroz, e que trocadas, lhe tilintavam ainda aos ouvidos, segredos indecentes, beijos e gemidos de cadela?! E enojava-se e envergonhava-se e arremetia de raiva contra si mesmo, contra a fraqueza indigna, contra o brio sufocado.

Não lhe sentiu os braços nús em volta do pescoço, as mãos macias sobre o rosto aspero. Irrompia em rugidos de fera, a dizer-lhe indecencias, obscenidades... Insultava-a! Enxotava-a, vermelho, rubro de colera, com palavras que eram vergastadas...

... E num impulso forte ganhou a escada, a longa escada encerada. A's guinadas, veiu descendo até que um grito lancinante o deteve no ultimo degrau. Havia a luz violeta e funebre de uma lampada, descendo do alto, a alongar-lhe o susto pois que o velho se inteiriçava. Era ainda o grito agudissimo, dilacerante, a varar-lhe o coração. Mas a porta, em cima, bateu com estrondo. E agora, vinham até ele os soluços abafados, o choro convulso... como que gemidos de agonia, dulcissimos como caricias, suaves queixumes, balbuciar gentil...

... E na meia luz funerea, toda a sua colera se transmudou. Apiedava-se. Enternecia-se a ouvir aquele choro, dôce como um cantico. Musica daquele adeus! E, em silencio, em grande recolhimento, num longo segredo de boca cerrada, a sós com a sua alma, abençoou a filha perdida!

Saiu tão de esconso, a cabeça a tombar para o chão, ombros descidos, olhar imenso, grandemente aberto, desmesurado, infinito... Narinas a palparem o misterio que errava no ar, tisnando a luz dos lampeões, amarfanhando os rostos. Nuvem de visgo, de gelatina, enrolando as almas...

O andar tropego tocou a calçada. O portão, atraz dele, continuava aberto, a meia luz suja incidindo-lhe sobre os ombros derrocados. Num hausto, olhou em frente. O olhar desmesurado, infinito, palpou o silencio inquietante...

....

Alguns dias. Na quieta Pajussára. E' manhã. E pela rua alegre, de transeuntes contentes que vão de manso, garotos que cantarolam, perpassa, rapido e agreste, o «fonfon» chocarreiro de um auto, vindo das bandas do cais. Param os que passeiam, os que vão ao trabalho. E mal atentam num vulto de mulher envolto em peles. Ha janelas e portas que se abrem nas casas alvas. Todos os olhares seguem o auto até ao fim da rua...

... Mas pouco depois, o auto torna, silencioso, a caminho do cais, trazendo aquele vulto de mulher moça, de labios carminados, atabafado em peles caras, sobranceira e indiferente aos olhares curiosos. «A filha do João Vicente...» E o grito corre num longo *psiu*, de boca em boca, de janela a janela...

....

Na vespera, fôra a enterrar o misero suicida, o velho operario da fabrica tal... assim o diziam os jornais em três linhas curtas.

Carlos de Abreu

(Do livro em preparação: *Poeira ao longo da estrada*).

COUPONS

da DIVIDA EXTERNA PORTUGUESA, BRAZILEIROS, ARGENTINOS, CHILENOS, etc., etc.

VENCIDOS E A VENCER

COMPRA

PANCADA, MORAES & C.ª — R. Augusta, 37 (esquina R. S. Julião)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Vilalva, D. Maria Antonia Fialho de Sousa Coutinho (Linhares), D. Sofia Baerlein de Castel Branco, D. Maria Inacia de Matos Vilardebó Chaves, D. Maria Isabel Malheiro Pereira e Castro de Vilhena (Mogadouro), D. Matilde Esteban Reynolds e D. Maria Amelia Pinto Bastos.

E os srs.:

Dr. João Moreira Valente de Rezende Abreu Freire (Baçar), Hermiterio Borges de Almeida, Julio Claro da Fonseca Peixoto, Artur Abecassis, José Valado Arnaud Luís Calheiros Kruz e Alfredo Calheiros Kruz.

A caridade

No S. Luís

E' amanhã que neste elegante teatro se realiza a anunciada recita de caridade organizada por uma comissão composta das senhoras condessa de Seisal, duqueza de Palmela, D. Maria Ana de Lancastre Ferrão de Castelo Branco, D. Maria Augusta de Sampayo, Forjaz Trigueiros, D. Maria de Lancastre Van-Zeller e D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, a favor de varias instituições de caridade, na qual será representada por distintos amadores a engraçada comedia em 3 actos original do saudoso escritor Gervasio Lobato «Sua Excelencia», cuja acção se passa o 1.º acto em Cintra em casa de D. Gedeão; o 2.º em Lisboa, em casa de D. Eleuteria e o 3.º em casa do sr. conselheiro Pombo. A peça está assim distribuida:

«D. Ermezinda Botelho Labruja», condessa de Santar; «D. Eleuteria Salustio das Mercês», D. Maria Adelaide Luz da Gama Sepulveda; «Marta» (sua filha), Miss Mabel Potter: «Laureana» (irmã de Marta), D. Maria Helena Sola Teles de Castro Lopes; «D. Claro Pombo», D. Ilda Moutinho Machado da Cruz; «Julia» (criada), D. Ana Maria da Cunha Meneses Pinto Cardoso; «Rosa» (criada), D. Maria do Carmo da Camara de Noronha (Parati); «conselheiro Florimundo Pombo», Luís da Gama; «D. Gedeão Botelho Labruja», Jaime Chaves de Carvalho; «Raimundo Croca», dr. Antonio da Camara Horta e Costa; «Cesar de Mascarenhas», João Carlos de Ataide Tavares; «Alberto Serzelas», Rui Cisneiros Machado da Cruz (Queluz); dr. Fausto Vinhais das Mercês», Vasco do Quental; «Bento» (creado), João Pinto; «Costa» (deputado), D. José Correia de Sampaio (Castelo Novo); «Pereira» idem, Mario Duarte; «Faria» (idem), Eduardo Luís Ferreira Pinto Basto; «Silva» (idem) e «Correio de Ministro», José Amado: «Um criado», Luís de Noronha e Costa (S. Miguel).

A ensenação é do actor Augusto Machado.

A casa encontra-se tomada por tudo que de melhor conta a nossa aristocracia o que nos faz prever que a noite de ámanhã no São Luís seja brilhantissima sobre todos os aspectos.

No Porto

O sr. dr. Coutinho de Oliveira a pedido de varias senhoras da primeira sociedade portuense autorisou que o encantadora opereta «O casal de Margarida» que brevemente será cantada em Lisboa, no teatro São Luís por distintos amadores, seja representada em recita de caridade por amadores dessa cidade.

Casamentos

Deve realizar-se no dia 16 do corrente o casamento da sr.ª D. Maria Antonia de Almeida e Noronha, gentilissima filha da sr.ª condessa de Vila Verde, com o sr. Francisco de Azevedo Coutinho, filho da sr.ª D. Maria Inês Barahona de Azevedo Coutinho e do sr. conselheiro João Fragoso de Azevedo Coutinho.

— Na quinta da Rainha, em Coimbra, ajustou-se ha dias oficialmente o casamento da sr.ª D. Maria Candida de Barbosa de Azevedo e Bourbon de Abreu Freire, interessante filha da sr.ª D. Maria José de Barbosa de Azevedo e Bourbon de Abreu Freire e do sr. dr. José Maria de Abreu Freire (Baçar), com o sr. dr. Jorge Metelo de Napoles Manuel, filho da sr.ª D. Maria do Castelo Raposo Metelo de Liz Teixeira, e do falecido e integro magistrado sr. dr. Arnaldo Metelo de Napoles de Lemos Corte Real.

O casamento deverá realizar-se no proximo outono.

Diplomatas

Com um ligeiro ataque de «gripe», encontra-se retido em casa o sr. Encarregado dos Negocios do Paraguay, em Lisboa.

Fazemos sinceros votos pelo pronto restabelecimento do ilustre diplomata.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará ámanhã «rendez-vous», de tarde, nas tradicionais «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes, e, á noite, no São Luís, récita de caridade, com a peça «Sua Excelencia».

Em viagem

A' sua casa de Samodães, em Chaves, regressou com seus filhos a senhora D. Leonor Pais de Sande e Castro de Barros.

—Para Santarem partiu a senhora D. Maria Luísa Santa Marta (Andaluz).

—Partiu para Vila Nova de Ourem o sr. D. Miguel Placido de São Payo de Melo e Castro.

VITAMINA

FERMENTOS INDISPENSÁVEIS Á VIDA
ALIMENTO BIOLÓGICO COMPLETO

SÓROS DO PROF. MARAGLIANO

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE

LIPOVINA IBYS

ACÇÃO TONICA EVIDENTE
MELHORADORA DA NUTRIÇÃO GERAL

SÓROS e VACINAS

INSTRUMENTOS CIRURGICOS — ANALISES

ESTABELECIMENTOS **ÁLVARO CAMPOS**

Sede: 103, L. Duas Igrejas—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

EPISTOLARIO

O ERUDITO JOAQUIM DE ARAUJO

PEDE UM FAVOR LITERARIO

A PEREIRA CALDAS

decano dos professores bracarenses

Como amigo que fomos de Joaquim de Araujo, durante alguns anos, vimos agora, um pouco tarde talvez, prestar uma singela homenagem ao poeta, ao investigador erudito e ao patriota, que tudo isto foi este nosso prestimoso amigo. E' evidente que não seremos nós, modestos investigadores, quem fará a critica do poeta das *Ocidentais*, das *Flôres da noite* e da *Lira intima*. Esse trabalho já está, de ha muito, feito por escritores cheios de autoridade e de saber, como Antero de Quental, Teofilo Braga, João de Deus, Oliveira Martins, Mariano Pina, José Augusto Vieira, Jaime de Seguier, Sampaio (Bruno), Afonso Vargas, etc., que, em diversos artigos jornalisticos, publicados depois em *separatas*, elogiaram aquela ultima colecção de poesias. E' a estas criticas que se refere esta carta, dirigida ao dr. Pereira Caldas. A respeito do caracter da poesia de Joaquim de Araujo, assim se exprimia, em 1881, o eminente homem de letras, o sr. dr. Candido de Figueiredo, no seu livro *Homens e letras:* «A sua poesia é essencialmente espontanea, vaporosa, afectiva, um pouco infantil. Os seus versos têm uma harmonia vaga, que nos obriga a devanear e que nos adormenta deliciosamente, fazendo-nos sonhar umas regiões povoadas de luz, silfos, constelações e arômas.» E, mais recentemente (em 1909), o sr. Joaquim Costa, no seu belo livro *A alma portuguesa,* escreveu:

«Não podiamos deixar de mencionar aqui o nome de Joaquim de Araujo, o autor da *Lira intima*, dos *Poetas mortos*, do poemeto *Luis de Camões*, das *Ocidentais*, e de outros livros de versos, realmente dignos de ser lembrados. J. d'A., que ainda não há muito nos deu, nas *Visões do Quixote*, uma prova do seu talento, é tambem um parnassiano, com uma feição bastante subjectiva, que se reflecte em algumas das suas composições, em notas delicadas e ternas. Os seus versos, porém, nem sempre são verdadeiramente sentidos. Foi Joaquim de Araujo eleito socio correspondente de 2.ª classe da Academia Real das Sciencias em 1 de junho de 1886, sendo relator do parecer respectivo datado de 8 de abril do mesmo ano o ilustre escritor Manuel Pinheiro Chagas. N'êsse parecer lê-se o seguinte: «Foram submetidos á apreciação da secção de literatura os titulos da candidatura do sr. Joaquim de Araujo a socio correspondente desta Academia. E' o principal titulo dessa candidatura o seu livro de versos *Lyrica* (sic) *intima*, que encerra na verdade composições de elevado merito. Estão sujeitos á apreciação academica os pareceres favoraveis por esta secção apresentados relativamente ás candidaturas de dois ilustres poetas Christovam Ayres e Visconde de Monsaraz. Forma com êles o sr. J. de A. um grupo realmente apreciavel. Faz gosto vêr ainda entre as aberrações da poesia contemporanea três poetas novos empenhados em manter a tradição do casto sentimento, da forma delicada e correcta, das qualidades emfim que hão de ser sempre o apanagio do verdadeiro lyrismo». Na Academia apresentou, em 1891, propostas para a compra dos manuscritos de Ribeiro Saraiva que, só ha poucos anos, devido aos esforços do sr. dr. Julio Dantas se conseguiu e acêrca da celebração, 1899, do centenario do nascimento de Garrett. Faz parte, como 2.º secretario, da comissão nomeada, em 1892, pela mesma Academia, para comemorar o centenario do descobrimento da America, em cujas memorias inseriu o seu trabalho: *A Comissão Portuguesa da Exposição Colombina.*

Como patriota é notavel a sua actividade durante os dezesete anos (desde 1895) que ocupou o logar de consul de Portugal em Genova, procurando não só desempenhá-lo com a maior proficiencia e distinção, mas tambem fazendo uma propaganda inteligente e constante da literatura portuguesa no estrangeiro. Assim fez ele conhecer, lá fora: as obras de Antero, sendo por sua intervenção, traduzido os seus sonetos em italiano por Tomazzo Cannizzaro e publicada a belissima poesia *Zara* numa magnifica edição poliglota; as obras de João de Deus; as obras de Julio Diniz, cujas *Pupilas do sr. reitor,* foram traduzidas em italiano por Vittorio Baroncelli, precedida a tradução por um prefacio de J. de A.; as obras de Camões, etc.

Foi ele o maior entusiasta da celebração do centenario do nascimento de Garrett, contribuindo, pelas suas excelentes relações com muitos literatos estrangeiros, para a publicação, fora da Patria, de numerosos artigos e estudos criticos acêrca do grande poeta e, pela sua propaganda intensa, para a trasladação dos seus restos mortais para os Jeronimos, aonde ainda jazem, sem condigno mausoleu, completamente ao abandono, esquecidos e desprezados, como os de João de Deus. Os centenarios do Padre Antonio Vieira e da India, não lhe passaram despercebidos, concorrendo para eles com diversos trabalhos de valor.

Como investigador paciente coligiu muitos documentos importantes e desconhecidos existentes no estrangeiro, relativos á historia literaria e politica de Portugal, como atestam os seus interessantes escritos acêrca de Leonor da Fonseca Pimentel, do padre Malagrida, da Infanta D. Maria, de D. Maria de Portugal, filha do Infante D. Duarte, do cavalheiro d'Oliveira (sobre o qual projectava um importante trabalho que intitulara: *O cavalheiro d'Oliveira e a sociedade portuguesa do seculo XVIII)*, de D. Antonio, prior do Crato, de D. Inês de Castro, etc. Colaborou em muitos jornais politicos e literarios, como a *Harpa, Renascença, Diario Nacional, Instituto, Conimbricense, Dois Mundos, Arquivo de ex-libris* (em cujos sete volumes publicou curiosas e eruditas noticias sobre bibliofilos e suas livrarias), *A Arte, Artes e letras, Arte portuguesa,* etc. Algumas das suas produções poeticas mereceram ser traduzidas em diversas linguas. Nos ultimos tempos da sua permanencia em Genova sofreu J. de A. duma grande neurastenia, devida a causa que ignoramos e que, agravando-se cada vez mais, contribuiu para que, no dia 15 de outubro de 1913, tentasse ali suicidar-se, dando um tiro na cabeça. Depois deste infeliz sucesso, ficou com as faculdades mentais profundamente abaladas e veiu para Lisboa, em 30 de abril de 1914, para o hospital de S. José e deste foi, mais tarde, transportado para a casa de saude do Telhal, onde faleceu em 11 de maio de 1917, sendo sepultado no dia seguinte no cemiterio de Rio de Mouro. Os jornais de Lisboa referiram-se a esta perda sofrida pelas nossas letras. Joaquim de Araujo havia nascido em Penafiel a 22 de julho de 1858. O seu espolio, que deve ser muito valioso, em livros e manuscritos interessantes, encontra-se, desde a sua morte, encaixotado em Genova e, portanto, em risco de vir a perder-se, lamentavelmente, estando pendente a sua entrega á familia ou ao governo de uma solução judicial. Com estas breves palavras crêmos ter prestado um sincero preito de saudade e de homenagem á sua esquecida memoria.

Henrique de Campos Ferreira Lima

Ex.mo Amigo e Senhor

Agradeço penhoradissimo a distincção com que V. Ex.cia acolheu o meu amigo Vaz Napoles, e os obsequios com que o analteceu. Gratissimo a tantas finezas, offereço a V. Ex.cia o meu fraquissimo prestimo.

Ha tempos já, escrevi-lhe por causa dumas especies camonianas, perguntando-lhe se as tinha.

Extraviou-se o cartão postal ou V. Ex.cia achou superflua a pergunta?

Ando a imprimir em *tiragens á parte* as criticas que em Portugal se fizeram ao meu livro.

Pode V. Ex.cia, taõ relacionado em Braga, fazer-me o obsequio de conseguir que ahi saia *uma* em folhetim dalgum jornal, aproveitando-se a composição para sahir em opusculo? (tiragem 30 exemplares). Eu pago o papel e alguma pequena diferença que haja de compaginação.

Fico ás ordens de V. Ex.cia, e não agradeci mais cêdo os obsequios prestados ao sr. Napoles por ter estado ultimamente, depois da chegada daquelle cavalheiro, bastante doente

Porto 21
S. C.
S.ta Catarina,
245

m.to adm.or e V.or

Joaquim de Araujo

Nacional HOJE ás 21 Tel. N.º 3049

RECITA EXTRAORDINARIA

A representação da peça de D. João da Camara, extraida do romance de Camilo Castelo Branco

Amor de perdição

O papel de «Tereza» pela actriz Helena de Castro — O papel de «João da Cruz» pelo actor Joaquim Costa

Quarta-feira, 11 — A VISINHA DO LADO de André Brun

TEATRO AVENIDA

Companhia Aura Abranches

A mulher do juiz

3 horas de gargalhada
Rir sem descançar

Brilhante interpretação de Adelina e Aura Abranches

A seguir: A MARQUESINHA, original do dr. Sousa Costa.

Um exito incontestavel

do «film» «Intolerancia» no Cinema Condes

Uma «matinée» extraordinaria se realizou hoje no Condes, tal o exito colossal obtido pelo famoso «film» «Intolerancia», estupenda visão historica pondo em reconstituição simultanea quatro episodios ou epocas historicas que a intolerancia politica e religiosa assinalou tragica na Historica. Desde a queda do imperio da Babilonia, á matança dos Huguenotes, á vida de Cristo e a um romance social das modernas lutas entre o capital e o trabalho numa grande cidade americana, o interesse por esta 1.ª jornada do estupendo «film» aumenta de quadro para quadro, rivalizando no seu desempenho cinco vedetas do cinema mundial. A'manhã estreiam-se os primeiros episodios da «Casa do misterio», empolgante romance de Jules Mary em publicação em folhetins no «Seculo».

POLITEAMA

EMPREZA LUÍS PEREIRA Tel. 3028 N. COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

— RECITA EXTRAORDINARIA —

HOJE HOJE

AS AZAS QUEBRADAS

com Amelia Rey Colaço

—— COMPANHIA FRANCESA ——

ABRE HOJE a assinatura para as 6 recitas da «Companhia da Comédia Francesa» de que fazem parte os grandes artistas CÉCILE SOREL e ALBERT LAMBERT e o antigo societario RAVET.

6 recitas escolhidas de entre o seguinte repertorio: Le Misanthrope, La Megère apprivoisée, L'Aventurière, La dame aux camelias, Le Demi-monde, La nuit d'octobre, Le duel, L'abbé Constantin e La Princesse d'Amour.

AUSENDA na protagonista da opereta

A PRIMA INGLESA

HOJE, no

TEATRO SÃO LUIZ

'A Chama' em S. Carlos

Teve ontem uma nova enchente o teatro de S. Carlos, o mais confortavel e que é, agora, tambem, o mais economico. Atrahiu, ali, essa concorrencia a linda peça «A Chama» interpretada pela excelente Companhia Palmira Bastos, á frente da qual está a ilustre artista desse nome. Palmira, a quem cabe o principal papel feminino da peça desempenha-o com toda a flexibilidade do seu temperamento maleavel, imprimindo-lhe a maior ternura, graça e delicadeza. Carlos Santos, a quem coube o outro papel mais importante de «A Chama», patenteia nele, todas as suas qualidades de actor distintissimo, seguindo-se-lhe Henrique de Albuquerque e Samwel Diniz. «A Chama» que tem esplendida ensceнação de Carlos Santos, oferece um magnifico conjunto de desempenho, que é completado por Emilia d'Oliveira, Amelia Bastos, Carlota Sande, Maria Augusta, Lucinda Lopes, Maria Helena, Elisa Matos, Bemvinda d'Abreu, Esmeraldo Matos, Alves da Costa, Octavio Bramão, Joaquim Miranda, Humberto Miranda, Tarquinino Vieira, José Figueiredo, Matos e Costa. «A Chama» repete-se hoje, em S. Carlos.

COMPANHIA JOSÉ RICARDO

Voltou a exgotar ontem a lotação o teatro Apolo, que assinala o maior e o mais perduravel exito da actual temporada teatral. A peça ali em scena e que hoje se repete, — «Os Fidalgos da Casa Mourisca», — possue o condão de agradar a todo o publico, sendo, para mais, uma obra que, ao interesse do entrecho, alia a maior delicadeza de sentimentos, tudo ainda realçado por um soberbo desempenho, no qual principalmente, brilham Eduardo Brazão, José Ricardo, Maria Matos e Ilda Stichini. «Os Fidalgos da Casa Mourisca» exibe-se com toda a propriedade de que requer, sendo aprimorada a ensceнação, que é de José Ricardo.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Arvore florida

Quedo-me a observar esta arvorezinha humilde e selvagem, que abriu em florações de neve e quasi, de rasteira, se ajoelha na terra, ao desejo da primavera como as comungantes ao desejo da pureza.

Primeiro floriu a mêdo, toda nua, recolheu nas petalas das suas flores o luar, mas veiu o vento e a chuva e a sua primavera caiu na terra.

Não os amaldiçoou. Floriu outra vez. Encheu-se de borboletas, azas pequeninas, libelulas graciosas, brancas violetas em que o sol atou seus fios de oiro, oiro dos cabelos de Isolda. E assim foi lutando, dias e mais dias, sorrindo ao sol, florindo ao sol, exausta e cansada de tanto sonho branco que lhe goteava, em feridas, das suas hastes virginais... Mas que dôr e que sofrimento ela teria, a minha arvore, para florir assim, tão intensamente! Florir e florir sempre! Cobrir-se de petalas, cheiinha de branco, luar na noite, emquanto ha lamas pelos caminhos e a primavera é longinqua, não tendo acordado ainda todas as fontes? Para dar só flôr que é o mesmo que o sonho! Para dar só alma! Chamar a si a beleza e ficar linda e branca, como um casulo! Não poupar uma ferida! Não poupar uma haste! Não poupar um coração! E como esta arvore ha-de viver sempre, e todos os anos florir, não cansar de florir, desabrochar ainda mesmo que a chuva e o vento, e a mão da criancinha, lhe esfarrape as flores!

Se fosse assim a nossa vida! Se lhe podessemos renovar a beleza!

A arvore será velhinha, e carcomida; decepar-lhe-hão troncos; mesmo um dia, quem sabe? apenas á flôr da terra terá um cêpo, mas sempre, sempre, ela terá as suas flores, não cansará de sonhar, morrerá a florir.

E' uma vida que cumpre o seu belo destino, transformar a dôr em sonho.

Artur Portela

Sociedade de Belas Artes

Retratistas

IV

A nota de hoje poderia ficar apenas com o nome de Luciano Freire, que ficava bem. Este artista de obra desigual — vêde no Museu de Arte Contemporanea ao lado dessa maravilhosa paisagem de inverno que é um lamento, uma hora tragica, um *regret* apaixonado, talvez unico na nossa arte, o *Perfume dos campos* duma pessima factura e duma côr mais que duvidosa — afirmou o seu nome, queriamos dizer, este ano, duma maneira inconfundivel...

A critica deve ser clara e saber focar, porque ela cria e não esteriliza como disse Wilde. Deve ser uma forma de analise e não de literatura baça e dura, impropria e ignorante.

O retrato do sr. Mardel feito por Luciano Freire é uma maravilha. Dá uma psicologia; não fica um desenho correcto. Tem vida; não é uma estampa. A mascara é cheia de caracter, de observação minuciosa, e trabalhada num unico tom: o vermelho; sugestiva, inspirada. Autenticamente, como dizem os franceses, um *chef-d'oeuvre*. Chega a uma sintese psicologica de ironia e de finura, em que há levesa e ritmo. A mão é decorativa, tem um estudo completo, leve e maleavel, com uma elegancia que Bonnat e Duran, não desdenhariam de assinar. Freire deu-nos realidade — é o seu maior elogio.

Numa posição convencional, num fundo negro a que falta ambiente — negro nada e não negro côr tenue — pintou João Reis e muito bem a figura do sr. ministro da Argentina. É clara, duma alta observação, duma modelação impecavel e de olhar concentrado. O retrato, fóra o fundo, tem elegancia decorativa — é uma vida. Já nos outros, João Reis, seguindo o proceso mais facil do bonito, menos naquele retrato do pintor que seria irretratavel sob o ponto de vista estetico em qualquer parte do mundo — o filho de Carlos Reis deu apenas aparencias, não deu emoções psicologicas.

Em arte o que dá caracter a uma época, uma sociedade, é o retrato. Valem mais que todas as biografias. Pena é que o ramo *princeps* da pintura se encontre hoje, em Portugal, numa hora de acentuada decadencia. E se não fôsse a maestria quasi inegualavel de Freire e as tentativas, uma feliz de João Reis, nos muros da Sociedade, onde tanta coisa tem morrido, teria morrido este ano mais uma. — *A. P.*

A Entoação
Critica pedagogica por Th. Saguer
A' venda nas principais livrarias

O NOSSO ANIVERSARIO

Uma festa do "Diario de Lisboa"

A distribuição de um bodo e o jantar de confraternização

O *Diario de Lisboa* comemorou no sabado o seu segundo aniversario. Dia de festa para nós todos, que dentro desta casa constituimos uma famila ligada por fortes laços de simpatia intelectual e afectiva, o aniversario do *Diario de Lisboa* constituiu um belo pretexto para uma reunião intima dos seus redactores, que se realisou á noite, no Café Tavares, tendo a ela assistido representantes de todas as secções deste jornal e o nosso querido amigo sr. Pedro Bordalo Pinheiro, pela direcção da *Renascença Grafica*.

Em dois anos de existencia, o *Diario de Lisboa* viu crescer á sua volta simpatias e dedicações de que nos orgulhamos desvanecidamente. Orientando-nos apenas por um pensamento moral e dizendo sempre o que sentimos com uma imparcialidade que é o nosso melhor timbre, é-nos grato registar tantas e tantas provas de simpatia que recebemos, quer dos nossos colegas na imprensa, quer dos nossos colaboradores, quer dos nossos amigos, quer simplesmente dos nossos leitores. A todos deixamos aqui a expressão do nosso maior reconhecimento e da nossa mais sincera gratidão pelas cativantes amabilidades de que nos fizeram alvo.

A redacção do «Diario de Lisboa»
Sentados: (Da esquerda para a direita) Norberto Lopes, Norberto de Araujo, Joaquim Manso, Alvaro de Andrade e Artur Portela
Em pé: Felix Correia, Vasconcelos e Sá, Nobre Martins, Aprigio Mafra, Manuel Nunes e Alves Martins

* * *

A' festa intima de sabado presidiu o nosso querido director, sr. dr. Joaquim Manso, tendo decorrido sempre num ambiente de mutuo respeito e de estreita camaradagem.

Ao «toast», brindou, em nome da redacção, pelas prosperidades do *Diario de Lisboa* e pela quantidade de admiração e de simpatia que o sr. dr. Joaquim Manso conseguiu reunir em volta do seu nome, o nosso querido camarada Artur Portela, que abrangeu numa comovida saudação todos os que têm dedicado ao *Diario de Lisboa* o melhor do seu esforço e do seu desinteressado carinho por uma obra comum.

Em nome do pessoal das oficinas, o chefe da tipografia, sr. Miguel Martins, saudou o director do *Diario de Lisboa* referindo-se á quantidade de simpatia e de leitores que o nosso jornal conquistou nos meios operarios pela sua linha de conduta, de nobre independencia e de critica serena e justa aos acontecimentos que, dia a dia, se vão produzindo na sociedade portuguesa.

O nosso querido camarada Alves Martins falou tambem pelos seus colegas que entraram para a redacção durante o ano findo e que tão rapidamente se integraram no ambiente de intima camaradagem, de tolerancia e de respeito mutuo em que todos vivemos dentro desta redacção.

Em nome da *Renascença Grafica*, associou-se aos brindes o nosso querido amigo sr. Pedro Bordalo Pinheiro, tendo falado ainda os nossos companheiros de trabalho Felix Correia e Antonio José Correia Junior, este ultimo pela revisão.

Em todos os brindes passou um grande espirito de camaradagem, com palavras da maior simpatia pela *Renascença Grafica* e tambem pela administração deste jornal, representada pelo sr. Manzonni Sequeira.

O sr. dr. Joaquim Manso agradeceu as referencias que lhe foram feitas, salientando, com uma grande sinceridade, que o *Diario de Lisboa* é uma obra tanto do coração como do espirito, realisada por todos aqueles que nele colaboram, e essencialmente uma obra alheia a interesses materiais de qualquer especie.

Falou em seguida o nosso querido camarada Norberto de Araujo, que aludiu aos meritos profissionais dos seus camaradas deste jornal, acentuando que eles realisam em jornalismo o equilibrio entre os excessos da sobriedade inexpressiva e os requintes excessivos da forma literaria pretenciosa. Aludiu á obra jornalistica de Norberto Lopes, acompanhando o «raid» do Atlantico, obra que ficará sendo pelo escrupulo da sua maneira e pela elegancia desempenada da sua prosa «a cronica da travessia», cronica que em livro aparecerá dentro de dias.

Norberto de Araujo disse ainda que o jornalismo é uma escola de liberdade, bem compreendida, só podendo ser realisada com amor, e quem fizer do jornalismo uma burocracia rendosa, nem serve as ideias, nem a profissão.

O sr. dr. Joaquim Manso falou por ultimo, agradecendo a todos a esplendida colaboração que lhe dispensam e a simpatia de que rodeiam sempre o seu nome. Frisou, mais uma vez, que a orientação do *Diario de Lisboa* pertence exclusivamente ao seu director, que tem apenas em vista manter e continuar as tradições que o nosso jornal conquistou em dois anos de existencia.

* * *

Toda a imprensa se referiu, com palavras de simpatia que muito nos desvaneceram, ao aniversario do *Diario de Lisboa*. Por falta de espaço, não podemos hoje citar todas as referencias que os nossos colegas nos fizeram, limitando-nos a exprimir-lhe o nosso mais sincero reconhecimento.

Referir-nos-hemos ámanhã a todas as pessoas que tiveram a gentilesa de nos cumprimentar.

O *Diario de Lisboa* distribuiu ante-ontem um bôdo a 700 pobres, comemorando o seu segundo aniversario.

SINAL DOS TEMPOS...

OFERTA que não CORRESPONDEU ao fim a que era destinada

Foi o caso que um nosso colega dum jornal da manhã, ao sair do serviço, de madrugada, deliberou ir passar o dia fora de Lisboa, partindo no primeiro comboio.

Necessitando levar pão, e faltando algum tempo para a partida do «tramway», resolveu o nosso amigo deambular por esse Bairro Alto, á procura duma padaria.

A lei, porêm, opõe-se a que esses estabelecimentos vendam pão antes de abrir; e a abertura está marcada para as seis.

—Em todo o caso, sempre ha-de arranjar uma casa que me venda uns pães ás escondidas...

E continuou a sua peregrinação.

* * *

A uma esquina, o nosso amigo parou. Cheirou-lhe a pão fresco, que é como quem diz a pão quente... Mas a porta estava fechada.

Andou dum lado para o outro. Até que resolveu entrar pela porta do forno. Deteve-se, porém, no limiar. Dentro, uma mulher aparava com um saco algumas duzias de pães. Resolveu esperar.

Quando a mulher saiu, o nosso amigo penetrou na casa do forno. E qual não foi o seu espanto, quando viu o dono da casa avançar para ele e meter-lhe uma nota de vinte mil réis, surrateiramente, na mão.

Mudo de espanto, o nosso colega ainda conseguiu murmurar:

—Mas eu não queria dinheiro; queria era uns pãesinhos...

—O quê? Mas o senhor não é fiscal das subsistencias?...

—Não, senhor...

—Então, dê cá isso!

E a sua voz tinha acentos colericos:

—E ponha-se na rua!

Tableau!...

Eduardo Inacio Duarte

O seu funeral

Realizou-se ontem o funeral de Eduardo Inacio Duarte. Era um trabalhador humilde e sincero, que o quadro tipografico do *Diario de Lisboa* contava como um dos seus verdadeiros amigos. Dentro da sua profissão, não foi apenas, e isso era tão pouco, um trabalhalhador; foi uma alma em que havia a ternura, a bondade e a honestidade, qualidades tão raras nos nossos tempos, que iriamos julgar, ouvindo Eduardo Duarte conversar e aconselhar, que a sua vida tinha muito de sacerdocio e de beleza. Ha trabalhadores humildes, que ao morrerem, levam da vida apenas o odio das lutas, mas, o nosso querido e sentido camarada viverá sempre entre nós, junto das mais belas saudades; morreu com a sua alma e o seu coração cheios da bondade que o caracterizaram em vida.

O seu enterro foi uma manifestação comovida de saudade, tendo-se feito representar todos os quadros tipograficos dos jornais de Lisboa e muitas pessoas amigas do extinto. Em sua casa os nossos camaradas Artur Portela, Norberto de Araujo e Alvaro de Andrade velaram o cadaver. O sr. Pedro Bordalo Pinheiro em seu nome e no da Renascença Grafica prestou-lhe tambem a sua homenagem de uma maneira profunda e discreta que sensibilizou todo o pessoal do *Diario de Lisboa*.

No cemiterio da Ajuda fizeram-se varios turnos, sendo o ultimo pelo pessoal grafico do nosso jornal, tendo á beira da cova falado, como amigo, o funcionario publico e antigo jornalista sr. Augusto Abel dos Santos, que proferiu sentidas palavras, traçando rapidamente o perfil de Eduardo Inacio Duarte.

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

PELA INSTRUÇÃO

A NOVA epoca DE EXAMES

nas Faculdades de Direito

A questão posta pelos estudantes das Universidades, de uma nova época de exames, não é uma questão liquidada.

Falámos hoje com um grupo de academicos interessados, ácêrca do caso; por eles sabendo que o protesto das Faculdades não bastou a invalidar a acção de muita gente—politicos e parlamentares—que acham justo o pedido dos rapazes.

—Ha casos especiais.

—E esses?

—Ha o dos estudantes militares, alguns dos quais, a despeito de a guerra ter oficialmente acabado ha quatro anos, ainda se encontravam em França em 1921. Quando regessaram, apressaram-se a fazer os seus grupos. Era preciso «reenfronharem-se» nas questões ha muito esquecidas; organizar-se a sua vida sob a base escolar e isto não se consegue facilmente. Não é justo que rapazes que abandonaram os seus estudos para não faltarem ao seu dever, sejam de qualquer forma compensados?

—Sem duvida. Parece, mesmo, que devia bastar este facto para o parlamento aprovar o projecto.

—Além disso, ha uma outra situação delicada. Sabe como a vida encareceu pavorosamente e como se torna impossivel a um estudante suporta-la sem privações para si e sem gravame para a sua familia. Ha rapazes a quem, por exemplo, falta apenas um exame e que, se o não fizerem agora, se prejudicam em um ano na sua futura carreira.

—Como é isso?

—Em fins de maio devem ser abertos concursos nos ministerios das Colonias e dos Estrangeiros para a magistratura colonial e para a carreira consular. Se os que pretendem concorrer a eles, não estiverem formados nesta altura, terão de esperar um ano, pelos concursos seguintes. E' justo? E' humano, isto?

—Mas ha mais—acrescentou.—O Parlamento muito recentemente aprovou uma lei pela qual obriga os estudantes dos periodos transitorios a formarem-se num praso relativamente pequeno. Se nós não acabamos o curso dentro do praso, teremos de repetir a frequencia dentro do sistema actualmente em vigor. Nada mais logico, portanto, que nos sejam facultados os meios de fazermos os exames o mais depressa possivel.

—Mas não têm vocês 2 epocas ao ano?

—Na verdade, ha, legalmente, uma epoca em Julho e outra em Outubro; praticamente, porêm, uma delas torna-se de todo inutil. Admitindo que os exames de Julho acabem em meados de Agosto, como é possivel que um estudante em 1 de Outubro esteja preparado para outro exame?

E tirando eles proprios a conclusão do seu raciocinio:

E num desabafo:

—A nossa geração—creia—é uma geração de sacrificados. Nós somos as unicas vitimas de experiencias pedagogicas que, de reformas em reformas, virão naturalmente fixar-se na actual. Foi certamente reconhecendo isto, que as comissões de Instrução e das Finanças deram *unanimemente* o seu parecer favoravel ao projecto.

E na despedida:

—Esperamos anciosamente a reabertura do Parlamento para vermos por ele feita a justiça que merecemos.

PARA A PELLE

os mais afamados sabonetes medicinaes são os já muito conhecidos

AGUAS DE S. VICENTE

(Entre-os-Rios)

á venda em todas as boas pharmacias, drogarias e perfumarias.

Pedidos ao depositario, em Lisboa, Silva & Espirito Santo, L.da, da Praça de S. Paulo, 7, 1.º—Tel. 3711 Central.

PORTUGAL ETERNO...

Marrocos e os nossos monumentos

O sr. dr. Virgilio Correia

confia-nos as suas impressões

O sr. dr. Virgilio Correia é um amigo pessoal. Mesmo que o publico não tenha nada com estas exuberancias latinas de cumprimentos e abraços, o caso é que não podemos deixar sem registo o interesse que nos despertou a vinda do sr. Virgilio Correia da sua viagem para lá das colunas de Hercules.

Possuindo uma inteligencia vivissima, o arqueologo, o catedratico, o investigador—sentou-se modestamente, abriu o seu canhenho de impressões, que ele traz na retina, e disse:

—Pregunta você...

—A sua viagem a Marrocos foi determinada pela campanha levantada a favor dos nossos monumentos?

—Não foi! Quiz estudar a influencia da arte mourisca no nosso manuelino...

—Porquê?... Além do porquê da viagem...

—Em manuscritos encontrados na Torre do Tombo e citados pela primeira vez por Sousa Viterbo, mencionavam-se os nomes de mestres arquitectos—pedreiros, como se dizia no seculo XVI — que tinham construido castelos tanto além-mar, como em Portugal...

—Um deles...

—Entre eles, Diogo e Francisco de Arruda. Ambos trabalharam na construção da Torre de Belem.

E acrescentou:

—Tendo sido atirada a publico a afirmação que na Torre de Belem se encontravam motivos mouriscos, fui indagar na origem o que é que havia de verdadeiro nessa afirmação...

—Mas a campanha a favor dos monumentos apressou a sua viagem...

—Claro... Tenho a impressão que a arte mourisca não é mais que um reflexo da arte arabe do sul da Hespanha, e que a verificarem-se, como se verificam, principalmente no seculo XV, começos do XVI essas influencias, nós recebemo-las directamente da Andaluzia...

—Onde é que foi...

—Percorri as grandes cidades tradicionais da arte marroquina, Rabat, Fez, Mequinez, Salé, Marrakech...

—A mais interessante...

—Fez e Marrakesch. A primeira influenciada pela arte peninsular; a segunda mostra vincadas influencias saharianas.

—Encontrou, realmente monumentos portugueses, nas cidades da costa? O que me diz da sua conservação?

—Encontrei-os em Azamor, Mazagão e Safim.

E explicou:

—Em Azamor parte do castelo, muralhas, algumas torres e portas. Apezar desses vestigios portugueses é contudo uma das mais caracteristicas cidades mouriscas que visitei...

—E em Mazagão...

—Encontramos a povoação portuguesa cercada de muros de tipo italiano, perfeitamente conservados, porque a cidade moura que se começou a erguer após o abandono da cidade por nós em 1769 espraiou-se fóra dos muros.

—O monumento mais importante...

—O interior de Mazagão está modificado e foi transformado em judiaria. O monumento artistico de mais valor é a cisterna, fabrica magnifica atribuivel ao mestre João de Castilho, que em 1542 estava á testa das obras de fortificação, seguindo os planos do arquitecto italiano Benedict Ravena.

E, dito isto, o nosso dr. Virgilio Correia tomou á sua conta Safim:

—Fortificação manuelina. Pura. Flanqueada de torreões circulares ou torres quadradas, abrangendo um perimetro de mais de três quilometros. Se a fortificação é portuguesa, a cidade quasi nada guarda das construções que a nossa ocupação deve naturalmente ter feito surgir, como feitoria, alfandega, palacios e igrejas. Encontra-se, porém, um templo, hoje transformado em banho mourisco, que deveria ter sido um edificio de consideraveis proporções e muito interessante, sob o ponto de vista arquitectonico manuelino. De uma outra igreja encravada em edificios particulares, mostraram-me tambem fotografias.

—Ha mais...

—Um dos monumentos tambem interessantes, senão o melhor, é o castelo do mar, fortificação isolada sobre a rocha, na parte sul da cerca...

—E nas tradições, nos costumes, na linguagem, na etica, encontrou, porventura, vestigios de civilisação portuguesa?

—Nada. Absolutamente nada. O mourisco ou o berber soube manter a sua individualidade desde a conquista romana até nossos dias.

—Foi-lhe facil visitar todas essas cidades...

—Facilimo. Hoje Marrocos está cruzada duma magnifica rêde de estradas que estabelece comunicações rapidas entre todas as povoações principais...

—Paisagem...

—A paisagem dum modo geral faz lembrar o baixo Alentejo, do distrito de Beja. Terrenos planos, propicios á cultura dos cereais...

—A conservação dos monumentos...

—Os franceses têm um serviço de belas-artes e antiguidades organizado á maneira do de Algeria e da Tunizia, cuja missão é recolher tudo quanto a esse serviço se refere. Para esses serviços tanto vale uma estação pre-historica como um monumento português, que de todos, por deveres do cargo, se ocupam...

—Foi proveitosa a sua viagem...

—Emotivamente, nem falar nisso é bom. A minha ida lá parece-me que concorreu para que os franceses se interessem mais ainda por esses monumentos, visto que se lhes mostrou haver em Portugal interesse no conhecimento e conservação da sua arte.

E fechou:

—Vou fazer uma conferencia, em Lisboa, sobre a minha viagem. Por concessão do ministro da Instrução, que muito facilitou a acquisição de fotografias, farei tambem uma exposição delas.

Curso juridico de 1903-1908

Por este meio são convidados todos os bachareis formados em direito, pela Universidade de Coimbra, do curso que se matriculou em 1903 e se formou em 1908, a reunir na cidade de Coimbra, nos dias 20 e 21 de maio proximo futuro, a fim de, na sua primeira reunião, solenizarem o 15.º ano da sua formatura. Todos os condiscipulos que queiram dar a sua adesão devem faze-lo, para o escritorio do ultimo sinatario, sito em Lisboa e rua do Crucifixo, n.º 116, 1.º—A comissão, *Henrique Trindade Coelho, Mauricio Costa, Americo de Castro, Herlander Ribeiro.*

Roubo de objectos de prata

A policia prendeu Arlindo Lopes Roque, sem residencia, que conduzia ás costas dois volumes contendo objectos de prata e cristofle, tudo no valor de 2:612$00. Interrogado na esquadra, confessou que havia furtado aqueles objectos a D. Luís de Lencastre, Avenida Antonio Augusto de Aguiar, 102, sendo-lhe tudo apreendido.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Pelos teatros

Nascimento Fernandes

Nascimento Fernandes, o actor-comico consagrado, que trouxe ao seu genero no teatro processos e maneiras novas, é hoje um artista de comedia perfeito, senhor das suas faculdades, a que empresta um talento de bom quilate, brilhante e sugestivo. Influenciado por amigos e admiradores, solicitado de varios pontos do paiz, onde chegou a fama do seu nome de artista e até das suas creações, Nascimento Fernandes, não querendo que a sua recusa fosse olhada como atitude agressiva, resolveu-se a fazer uma «tournée» na provincia, nomeadamente nas duas primeiras cidades do Algarve, Lagos e Faro, esta ultima por sinal a terra da sua naturalidade, donde viera «menino e moço». E, desde então, vá de não ter um momento de descanço, nos preparativos dessa digressão, que vai ter um cunho artistico desusado, possivelmente inédito, porquanto a Companhia, constituida por elementos de real valor, vai provida de magnificos scenarios, todos novos e de estilo, riquissima indumentaria, utensilios, mobiliario e uma curiosa coleção de colgaduras e «bibelots», alguns deles de verdadeira estimação. Tudo organisado, o reportorio ficou constituido pelas comedias «Boa Estrela», «Morto Vivo», «A pequena do Marques», e «O arroz dôce», grande exito da Parceria, sendo estas peças interpretadas, além de Nascimento Fernandes, pelos artistas. Iréne Grave, Maria Clementina, Alda Rodrigues, Maria Corte Real, Tereza Gomes, Branca Riquetti, Alvaro de Almeida, Jorge Grave, Luiz Leitão, Antonio Palma, Carlos Baptista, Armando Ferreira, José dos Santos, Antonio Gonçalves (ponto), Artur Silva (contra-regra) e Antonio Santos (maquinista).

A Companhia partiu ontem para Setubal, onde se estreiou, á noite, no novo teatro daquela cidade, com a peça, «A Boa Estrela», seguindo depois de dar quatro espectaculos, para Lagos, Faro, vindo depois a Santarem e seguindo para Coimbra, Figueira da Foz, Vizeu e Porto, onde deve demorar dois meses, trabalhando no teatro Aguia de Ouro, cedido pelo empresario José Loureiro, que tambem quiz dar a sua quota parte para esta interessante jornada artistica, assim como a deu o «Diario de Lisboa», sempre disposto a cooperar em todas as boas iniciativas.

Atrás do reposteiro

No Nacional representa-se hoje, em recita extraordinaria, a peça de D. João da Camara, «Amor de perdição», com a actriz Helena de Castro no papel de «Tereza». A'manhã efectua-se a Festa dos Padrões de Guerra e na quarta-feira faz-se a «reprise» da notavel comedia, de André Brun, «A vizinha do lado». Para breve, «reprise» da peça «Frei Luis de Sousa».

—Parte amanhã para o Porto o emprezario sr. José Loureiro, que ali vai tratar de assuntos teatrais, devendo seguir para o Brasil no proximo mês.

—A empreza Armando de Vasconcelos, Limitada, está em negociações para uma possivel «tournée» ás ilhas da companhia do S. Luis.

—O actor João Lopes vai interpretar um papel no «film» «Olhos do mar», de D. Virginia de Castro e Almeida, estando quasi concluidos os interiores desta fita, cuja decoração foi dirigida pelo actor Artur Duarte.

—O actor Carlos Leal realiza a sua festa na proxima quinta-feira, no Eden Teatro, com a revista «Chá e torradas», ampliada com o novo quadro «Cacharolete», selecção de numeros de varias revistas.

—O teatro Maria Vitoria vai ser explorado, no proximo verão, pelo emprezario José Loureiro.

—Diz-se que o tenor Fernando Pereira voltará a ingressar novamente na companhia do S. Luis.

—São de Leitão de Barros os scenarios e as decorações da peça «A marquesinha», original do dr. Sousa Costa, que se segue, no Avenida, á comedia «A mulher do juiz».

—A companhia do S. Luis, durante as recitas de Vera Sergine, vai a Santarem dar espectaculos no teatro Rosa Damasceno, nos dias 12, 13, 14 e 15, com as operetas «Miss Issipi», «Jardim de Aspazia», «A leiteira d'Entre Arroios» e «Ultima valsa».

—O actor Vasco Sant'Ana realiza a sua festa, no S. Luis, a 16, com a «Prima inglesa». Armando de Vasconcelos faz a sua recita com o primeiro acto da revista «Tim tim por tim-tim», de Sousa Bastos, duas comedias em um acto e um acto de variedades.

—Vera Sergine estreia-se com a peça «Le Scandale», seguindo-se «Le Voleur» e «L'Insomise».

—Chegou da Madeira, onde esteve com a companhia Holbeche Bastos, o actor Gabriel Prata.

POLITEAMA HOJE

Azas Quebradas

Está aberta a assinatura para as 6 recitas da companhia da «Comedie Française»

CONCERTO

A'manhã, 10 de Abril

ALICE e MARIA REY COLAÇO

SALÃO DO CONSERVATORIO

Bilhetes á venda: Casa Sasseti, Neupart e Valentim

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos. Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel 65.

Instalações electricas

Orçamentos gratis

MATERIAL ELECTRICO

Grande stock de lampadas

PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato

Preços especiais aos revendedores

Tele{fone C. 5430 / grafo DIFONSO} **DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.ª**

Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

Janotas????

Sejam economicos

MADEIRA, ALFAIATE, participa aos seus amigos e fregueses que mudou o seu estabelecimento de alfaiataria da Rua do Sol ao Rato, 215, para o Largo da Trindade, n.os 11, 12 e 13

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

AGUA DO ALARDO

(Castelo Novo—Beira Baixa)

A mais pura agua de mesa, superior ás afamadas aguas de França de Evian, Thonou, La Chateline e Panticosa de Espanha. **A Unica Agua de Diurese** portuguesa. Analise do ilustre professor de quimica Charles Lepierre.

Excelentes resultados em tratamento de doenças de **Estomago, Figado, Gôta, Obesidade, Diabetes,** etc.

Vende-se em garrafões de 5 litros e garrafas de 1|4, 1|2 e 1 litro.

Aceitam-se revendedores em todas as localidades onde ainda os não haja.

Pedidos a Cais do Sodré, 53, 2.° — LISBOA

TELEFONE 18 — CENTRAL

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Serviço combinado com a Companhia «Cintra-Atlantico»

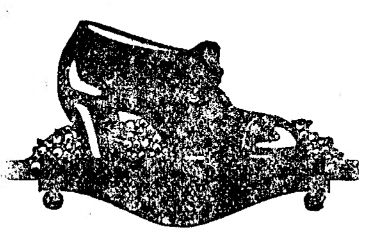
AVISO AO PUBLICO

Despacho central em Colares (Colares-Central)

A partir de 1 de Abril de 1923 entra em vigor a nova Tarifa de Camionagem de Colares-Central, que anula e substitui a Tarifa de Camionagem de 30 de Setembro de 1921.

A nova tarifa pode ser consultada ou obtida por compra nas estações desta Companhia.

Lisboa, 15 de Março de 1923. — O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita.*



CALÇADO BARATO

SÓ O VENDE O

CANDEIAS

Completo sortido de calçado para homem, senhora e crianças

Novas secções DE FANQUEIRO, RETROZEIRO, CAMISARIA E CHAPELARIA

CANDEIAS — INTENDENTE

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO
RUA DO OURO, 18, 24	PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

---

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO

Artigos de escritorio — Material para desenhadores

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

MARQUES & SANTOS, L.DA

ALFAIATES-MERCADORES

FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

TOILETTES EM TODOS OS GENEROS

Corte esmerado

Acabamento irrepreensivel

Coletes de fantasia — Artigos para cavalheiro

PREÇOS SEM COMPETENCIA

TELEFONE C. 3699

RUA DO LORETO, 42-1.º

LISBOA

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

Fabrica de

Ladrilhos

Mosaicos

Azulejos

Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

CARVÃO

VEGETAL - COKE E BRIQUETES

TELEFONE C. 4119

VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS

FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.º

RUA DA COSTA 8, LISBOA.

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

121, R. dos Fanqueiros — LISBOA

Fundo de garantia mais de Esc. 3.150:000$

Poucas collocações de capitais apresentam tão valiosas garantias como a compra de uma RENDA VITALICIA, feita á Companhia Geral de Seguros

Absoluta garantia

Completa segurança e grande rendimento

NOTA — A Companhia facilita todas as informações que lhe peçam.

AMOSTRAS GRATIS

Solano

DEPOSITARIOS

FIGUEIREDO & TELLES, L.DA

RUA ALVES CORREIA, 45, 1.º

TEL{EFONES 3156 e 3697-N. / EGRAMAS: FITELES}

LISBOA

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Cigarros

PIERROT

Os melhores e mais baratos. A' venda em todas as boas tabacarias do país.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Aviso ao publico

Prazos de transportes

A partir de 1 de Abril de 1923 e até aviso em contrario, ás remessas a transportar nas linhas desta Companhia serão aplicadas, no que respeita a prazos de transporte, as seguintes disposições:

Em grande velocidade: a) Os transportes funebres e remessas de metalico ou valores, criação e animais vivos, gelo, leite, caça morta e carnes frescas, mariscos e peixe fresco, hortaliças e frutas frescas, legumes verdes, plantas vivas e flores frescas (cortadas), serão transportadas nas condições que normalmente prescreve a Tarifa Geral (seu art. 58.º e § unico) para as remessas de grande velocidade; b) Quaisquer outras remessas de grande velocidade não designadas na anterior alinea a) serão transportadas em praso que não poderá ir alem de 24 horas por cada fracção indivisivel de 150 quilometros de distancia a percorrer, não se contando neste praso o dia da expedição nem o da entrega.

Em pequeno velocidade: As remessas serão transportadas em prazo que não deve exceder 24 horas por cada fracção indivisivel de 50 quilometros, não se contando neste praso o dia da expedição e o da entrega.

O presente anula e substitui o Aviso ao Publico A n.º 3 de Fevereiro de 1920.

Lisboa, 5 de Março de 1923.

O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA

Ferreira de Mesquita

DAS 5 PARTES DO MUNDO — **ESTRANGEIRO** — DAS 5 PARTES DO MUNDO

NOVAS DE PARIS

OS VINHOS PORTUGUESES

PODEM ENTRAR em França sem autorisação

PARIS, 9

Por motivo da prorogação do «modus vivendi» franco-português, os vinhos do Porto e da Madeira, de origem portuguesa, importados nas condições de transporte regulamentar, poderão ser recebidos em França sem autorização, até 15 de Junho de 1923, inclusivamente. No caso em que, nesta data, o «modus vivendi» não for prorrogado, os vinhos que estiverem nas alfandegas ou em deposito não poderão entrar no territorio francês a partir de 16 de Junho. Todos os carregamentos chegados até ao dia 15, inclusivamente, que fossem declarados ulteriormente susceptiveis de consumo á saida de bordo beneficiariam do regime actual. — (R.)

Loucheur

e a situação da França em Inglaterra

PARIS, 9

O sr. Loucheur foi recebido pelo presidente do conselho, tendo confirmado aos jornalistas que durante a sua viagem a Londres e durante as conversações que tinha tido, com os politicos ingleses, tinha constatado que a situação da França começava a ser melhor compreendida pela opinião inglesa. Acrescentou que achava possivel que se chegasse a um acordo, não se sacrificando em nada os interesses legitimos da França e dos seus aliados acêrca das reparações e das garantias. O sr. Loucheur acrescentou que finalmente se compreende na Inglaterra que a França e a Belgica estão firmemente decididas a ir até onde pretendem. — (R.)

Contra factos não ha argumentos

O Deposito da Covilhã é o que mais barato vende excelentes fazendas de lã para fatos, sobretudos e vestidos.

1:000 peças de diferentes tecidos de lã para retalhar, e vender directamente **das nossas fabricas ao publico.**

AVISO IMPORTANTE—Para melhor atenderem a sua numerosa clientela, resolveram abrir na proxima segunda-feira uma **filial do Deposito da Covilhã** na **Rua do Ouro, 206-208, 1.º** (LOJA DA AMERICA, esquina da Rua da Assunção).

Mandam amostras ao domicilio. — Têm alfaiate. — Telefone 2:806.

Séde—Rocio, 93, 2.º andar

(ELEVADOR GRATIS)

EM ARMAZEM

Serras de fita ou sem fim e de rolos.
Serras circulares.
Charriots.
Plainas combinadas, simples e de 4 faces.
Maquinas universais para carpintaria.
Maquinas de furar e rasgar madeira.
Maquinas de moldar.
Garlopas. Maquinas para afiar laminas de garlopa.
Fitas de serra e laminas circulares.

John M. Sumner & C.º

SUCESSOR

JOSÈ J. TEIXEIRA

29—Avenida da Liberdade—37
LISBOA

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

CARNARVON

o descobridor do tumulo de Tut-Ank-Hamon

e o misterio da sua morte

UMA LUTA INTERESSANTE

entre a superstição e a sciencia

Lord Carnavon, o profanador do tumulo de Tutankhamon, morreu de morte natural, ou foi vitima de alguma vingança misteriosa que fôsse como o castigo dos velhos deuses á sua audacia de investigador?

Para nós homens de um tempo em que as superstições caducaram, só servindo a denunciar a pequenez de espirito de um ou outro que nelas confia, lord Carvarvon morreu de doença, como qualquer outro mortal a quem a sua hora chegasse.

Mas nem por isso a hipotese contraria deixa de ser admitida por muita gente que se presa. E assim, não falta quem ligue o lutuoso acontecimento com as seguintes sentenças que estavam esculpidas no tumulo do Pharaó e que o lord desrespeitou:

«Que volva ao nada a mão que contra mim se erguer! Que volva ao nada a mão que atacar o meu nome, os meus retratos e as imagens de meu pai! Cairão na fogueira de meu pai Amon! Que se acautelem com meu pai Amon! Uma desgraça chegará depressa!

A desgraça chegou. Mas, seria realmente a colera do pai Amon que a desencadeou? Nos meios egypcios julga-se que sim, e os habitantes de Lucksor, sobretudo, têm-no como uma verdade insofismavel.

Ora, que os egypcios assim o creiam, bem está — e escusamos de dizer porquê Mas... Marie Corelli, a notavel romancista inglesa, pensa do mesmo modo. E depõe assim:

«Foi, verdadeiramente, uma picada de mosquito que determinou a morte de lord Carnarvon? Pela parte que me cabe, tenho motivos para acreditar que, penetrando na jasida funeraria de um antigo rei do Egypto, um homem, seja ele quem fôr, corre perigos muito graves. E' que aqueles tumulos são, geralmente, guardados, e alguem—que não sabemos quem seja—vela dentro deles, para que o morto não seja despojado dos seus bens. Segundo um manuscrito muito raro que tenho em meu poder—«Historia egypcia das Piramides»—todo aquele que quebrar o selo de um sarcofago é sempre castigado da maneira mais terrivel. Esse manuscrito tem, até, uma longa e detalhada lista de tesouros enterrados com muitos faraós. Entre eles encontram-se diferentes venenos desconhecidos, encerrados de tal maneira em cofres especiais, que basta tocar-se-lhes para que o profanador não saiba donde a morte lhe vem».

Por sua vez, Conan Doyle afirma:

«Nenhum espirito mau evocado por um padre egypcio deve ter provocado a doença a que o sabio inglês sucumbiu, porque a morte costuma tocar como castigo—e sempre de maneira estranha—os que tentam exumar as mumias».

E cita:

«O filho de sir William Lugram descobriu um dia uma mumia, sobre a qual estava a seguinte inscrição: *aquele que me despojar, será morto e privado de sepultura.* Com efeito, o joven Lugram, poucos dias depois da sua descoberta, morreu numa caçada no Somaliland, sem se saber ao certo porquê, e o seu cadaver foi arrastado pela corrente impetuosa de um rio quando ia ser-lhe dada sepultura.

Que significa isto?—perguntam agora os sabios ante o cadaver de lord Carnarvon.—E a verdade é que ainda não houve maneira de se saber ao certo de que especie de doença morreu o profanador do tumulo de Tutankhamon...

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

Tosses e Bronquites

Tomai Bronquitine o remedio soberano e eficaz.

A' venda na **Farmacia Portugal.**—Rua Augusta, 216 e 218 e no deposito geral **Clodoveu Mendes.**—Rua Arco Bandeira, 70 3.º—Telef. C.-36.

OURO PRATA E JOIAS

COM SAFIRAS, DIAMANTES E BRILHANTES

Só vende mais BARATO

o Correia & Moura, Lt.ª

RUA DE S. PAULO, 186

Proximo á Casa da Moeda

Telefone C. 3033

SOUZA, MOURA & C.ª, L.da

End. Tel. «SOURA»

CASA BANCÁRIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

NOVAS DE LONDRES

A ABERTURA DAS CAMARAS

E A DISCUSSÃO das propostas dos orçamentos

LONDRES, 9.

O Parlamento inglês reabre hoje, tendo a maior parte dos deputados e dos ministros regressado a esta cidade depois de terem passado as ferias da Pascoa no campo. O sr. Bonar Law melhorou bastante durante as ferias, tendo estado em Torquay e tendo já regressado á sua residencia oficial em Dowing Street. Haverá a reunião do conselho de ministros nos primeiros dias desta semana para examinar as propostas orçamentais que o chanceler das finanças vai apresentar ao Parlamento na proxima semana.—(R.)

A reabertura

da conferencia de Lausanne

LONDRES, 9.

Está definitivamente resolvido que será sir Horace Rambold quem presidirá á delegação inglesa na nova conferencia de Lausanne sendo auxiliado pelos mesmos tecnicos ingleses que estiveram presentes na passada reunião. O «Oberser» diz que é possivel que os serviços do general Hartigtom, comandante em chefe das forças aliadas em Constantinopla. que está agora de licença em Inglaterra, possam vir a ser requisitados em Laussanne—(R).

Experiencias

do aeroplano-bébé

LONDRES, 9.

Foram feitas experiencias com o chamado aeroplano-bébé, que tem apenas um motor de 57 cavalos. As experiencias foram absolutamente satisfatorias. Tendo-se levantado a cerca de 300 pés contra um vento de 20 milhas de velocidade viajou durante milha e meia e atingiu a velocidade de 41 milhas por hora sem que fosse necessario fazer uso de todo o poder do motor.—(R.)

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO. 74

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
— Pelo correio mais $20 para registo —
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51—LISBOA

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Obesidade — Artritismo
Mecanoterapia — Banhos de luz
ESTORIL-TERMAS

6 HORAS DA TARDE ULTIMAS NOTICIAS 6 HORAS DA TARDE

O 9 DE ABRIL

A batalha de La Lys

e as comemorações de hoje

Na igreja de S. Domingos, mandou o Conselho Central do Nacionalismo Lusitano rezar uma missa, sufragando as almas dos soldados portugueses mortos na guerra.

O vasto templo achava-se, quasi cheio, vendo-se muitos oficiais e soldados.

Nomes ao acaso: Tenente-coronel Raul Esteves, comandante do batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, com todos os oficiais e muitos soldados do seu batalhão; representante do comandante da divisão, tenente Ivens Ferraz; coroeeis Mardel e Marques; tenente-coronel Patacho, 2.º comandante da Escola Militar, majores Ferreira do Amaral, Vasco do Amaral, Vasco de Carvalho, Cruz e Mac-Bride, comandante do grupo de artilharia 3; capitão Ferreira; alferes José Romão, Ponte e Sousa e Marta; aspirante Mario de Carvalho e muitos alunos da Escola de Guerra; conselheiro Fernando de Sousa, dr. José Pequito Rebelo, D. Tomás de Melo Breyner, dr. Eduardo Pinto da Cunha, D. Luís Alcaçovas, Artur de Melo e Niza, José Rino Froes, Pedro Teotonio Pereira, Augusto da Costa, Carlos de Ornelas, Antonio Rodrigues Cavalheiro, José Fernandes Junior, Felix Correia, etc.

A banda de Sapadores de Caminhos de Ferro, que o comandante da divisão autorizara que tocasse durante a missa, não compareceu, devido a uma ordem em contrario, do ministerio da Guerra.

O sermão do Bispo de Beja

A's 9 e um quarto, o sr. Bispo de Beja, D. José do Patrocinio Dias, chefe dos capelães militares do C. E. P., prégou do altar-mór um comovente sermão.

Algumas passagens:

—O 9 de Abril foi uma expiação. Expiação dos nossos delitos e dos nossos desmandos. O sangue dos Martires caídos nessa catastrofe, pesando na balança divina, será o penhor da nossa ressurreição.

—Deus e Patria—eis o lema á volta do qual Portugal se formou e foi grande. Nunca, em Portugal, a Espada se separou da Cruz. Quando rebentou esta guerra, por um atrazo de civilisação, houve quem quizesse impedir que a Cruz acompanhasse as espadas portuguesas ao desterro da Flandres. Breve, porêm, tiveram de reparar o seu erro, os que assim pensaram.

As mães, as irmãs e as noivas dos soldados portugueses, num movimento unanime, suplicaram que aos seus entes queridos não faltasse, nas horas de sofrimento, a dôce protecção da Cruz.

—O sacerdote e o soldado são dois irmãos: o sacerdote pontifica no altar de Deus; o soldado sacrifica-se na ara sagrada da Patria.

—Quando os soldados portugueses pisaram a Flandres—essa terra que o seu sangue sagrou para nós—foi-lhes destinado um terreno de milagre. Da vila antiga não restava pedra sôbre pedra. Apenas destroços. No meio da planicie e das ruinas, apenas se elevava uma cruz, onde Cristo resistia ao chuveiro de granadas que ali caía. Mesmo longe, no campo da batalha, Cristo velava por nós. Um dia, porém, uma granada atrevida espetou-se no madeiro. O crucifixo ia estilhaçar-se. Mas o milagre fez-se. A granada ficou cravada, mas não explodiu.

Evoca o 9 de abril:

—Quiz Deus que eu me encontrasse na primeira linha quando se travou a batalha. Passaram por mim as centenas—talvez um milhar—de soldados portugueses que a metralha rasgou. A todos disse palavras de consolação. A todos encomendei a Deus, prometendo-lhes uma vida eterna, para lá da efemera vida terrena. E nenhum deles recusou os sacramentos. Morreram todos de sorriso nos labios, convencidos de que o seu sangue era de redenção.

Refere-se depois á comemoração de hoje:

—O dia 9 de abril devia ser de oração nacional. Já ha muitos anos que a America e a Suissa têm um dia destinado á oração pelos que morreram pela Patria, no campo da batalha. E na Italia, no dia 11 de novembro, Mussolini, em frente de milhares de patriotas italianos, pediu-lhes que se dirigissem ao tumulo do Soldado Desconhecido. Ali, a multidão ajoelhou, comovida, durante alguns momentos.

Em Portugal foi preciso que entidades particulares se lembrassem, para que se orasse pelas almas dos nossos mortos.

Termina, pedindo que, á volta do ataúde dos mortos da grande guerra, os bons portugueses se unam e redimam Portugal da treva que a todos nos envolve.

Em seguida foi rezada uma missa, saindo o sr. Bispo de Beja na companhia do dr. Pequito Rebelo e do major Vasco de Carvalho. Os oficiais fizeram-lhe a continencia, descobrindo-se respeitosamente todas as pessoas que se encontravam á porta da igreja.

No Mosteiro da Encarnação

A's 11 e meia, o sr. Bispo de Beja, pregou, de novo, no Mosteiro da Encarnação, pertença da Ordem Militar de Aviz, que se encontrava repleto de oficiais de terra e mar, sargentos, praças e civis.

Diz que muito grato lhe é encontrar-se entre os que, com êle serviram na Flandres, arrostando os mesmos perigos, em defeza da Patria.

Cita a frase celebre de Bossuet, quando, á beira da sepultura do principe de Condé, aconselhava os veteranos da guerra, a unirem-se á volta do seu ataúde de batalhador—fonte de exemplos e de virtudes.

— Pede-se, em homenagem aos herois mortos, dois minutos de silencio. Que significa isso? O que se devia pedir era, não dois, mas imensos momentos de oração—por eles e pela Patria, que o seu sangue de Martires cimentou.

Em seguida, o conego Anaquim rezou uma missa mandada celebrar pela Liga dos Combatentes da Guerra, tendo pedido, em nome dos Cavaleiros de Ourique, um Padre Nosso por Portugal e pelos que morreram pensando na sua gloria.

A' saída a multidão que enchera o templo, soltou um viva ao senhor bispo de Beja.

Entre a assistencia viam-se, fardados, muitos oficiais licenceados e demitidos.

A primeira pedra do monumento

Contra o que estava anunciado no programa das festas comemorativas do 9 de Abril, a cerimonia da colocação da primeira pedra para o monumento aos Herois, começou perto das 15 horas. A's 14, porém, na Avenida da Liberdade, apesar do dia se mostrar agreste comprimia-se um grande numero de curiosos principalmente gente do povo.

A comissão, ligada ao ministerio dos Estrangeiros para a distribuição dos convites, tinha o seu pavilhão ao lado do pavilhão central onde assistia o Chefe do Estado e o governo. Do outro lado, o pavilhão do corpo diplomatico. O governo português fez saber, diplomaticamente, ao sr. ministro da Alemanha que compreendia as rasões da sua ausencia, caso ele faltasse á cerimonia, como, na verdade, faltou.

Perto das 15 horas chega, ao local da cerimonia, o Chefe do Estado acompanhado do presidente do governo—precedido da respectiva guarda de honra.

Ha uma pequena restea de sol que faz brilhar as dragonas doiradas dos oficiais. Ergue-se da multidão, já devidamente arrumada pela policia e pela guarda, um viva á Patria, quando o Chefe do Estado toma o logar da presidencia no pavilhão.

O primeiro a usar da palavra foi o dr. Magalhães Lima que enalteceu o esforço da nossa intervenção na guerra, tendo sentidas palavras de respeito comovido pela memoria dos dois soldados desconhecidos, simbolos da valentia da nossa raça.

Terminou o seu caloroso discurso com o verso de Camões—*As armas e os barões assinalados...*

Em nome da Camara Municipal o sr. Rodrigo Rodrigues, pausadamente, como que declamando as palavras, afirma que Lisboa desejaria erguer um monumento aos Herois em cada uma das suas sete colinas.

Em seguida, o sr. ministro da guerra pronuncia uma pequena alocução, enaltecendo as virtudes altissimas dos nossos soldados, tão belamente demonstradas em França e Africa.

A primeira pedra foi colocada num cabouco do talhão em frente da rua do Salitre, o qual se encontrava ornamentado com palmeiras e verduras.

O jornalista conversa com o encarregado da Camara:

—Quantos metros tem de fundo este cabouco?

—Uns três.

—Tão fundo...

—Se lhe parece... Tivemos de cavar até encontrar a primeira pedra.

—A primeira pedra?

—Sim, senhor. A de Fontes Pereira de Melo que nunca se chegou a erigir...

—E para onde foi transportada?

—Para o arquivo da Camara Municipal.

* * *

Á cerimonia assistiram entre outros, os seguintes oficiais superiores do exercito: generais Abel Hipolito, Faria e Silveira, chefe do estado maior da 1.ª divisão, sr. Maia de Magalhães, etc.

Diplomatas: Ministro da Inglaterra, embaixador do Brasil, ministros da Belgica, Italia, Argentina, China, Espanha, e adidos militares que tomaram logar numa tribuna á direita da do chefe do Estado.

Na tribuna da esquerda tomaram logar: elemento oficial, senadores, deputados e vereação da C. M. L.

Depois da cerimonia da assinatura do auto, houve o desfile das tropas, em continencia, perante o chefe do Estado, pela seguinte ordem: batalhão da armada, infantaria 1, 2, 5 e 16, administração militar, engenharia, sapadores mineiros e de caminhos de ferro, artilharia de costa, cavalaria e artilharia.

* * *

Entre os esquecidos da guerra conta-se a distincta actriz D. Mercedes Blasco, que deve ser lembrada pelo muito que sofreu durante a ocupação da Belgica pelos alemães.

* * *

A sociedade musical Ordem e Progresso promove esta noite uma velada patriotica em homenagem aos seus consocios soldados da grande guerra.

Os dois minutos de silencio

Iam passando os regimentos, naquela toada militar que faz de milhares de homens um homem só e que faz de milhares de consciencias uma consciencia apenas, quando se ouviu, no Rossio—foi lá que as cinco horas nos surpreenderam—o aviso dos canhões, rompendo soturnamente o espaço.

Primeiro tiro... e parou tudo. Chapeus na mão; as tropas em continencia; as almas a chorarem num mutismo que era a eloquencia maior, a saudade dos que baquearam lá longe, mordendo a terra estranha para dignificar o torrão natal.

Segundo tiro! Soou como um *parce sepultis*, doloroso, funereo, imponente de tristeza, na vastidão do ceu que nos cobria.

O silencio foi maior; as almas concentraram-se mais. E todos, o rosto iluminado por uma luz igual que parecia vir coada até nós pelo [...]tem da Patria, olharam para dentro de si proprios para se certificarem de que em todos os peitos palpitava a mesma vibração de pena, o mesmo orgulho de saber morrer, a mesma ancia de tornar grande o nome de Portugal.

Parecia que se tinha feito noite alta, que o sol quizera, numa excepção de lenda, compartilhar comnosco a grandeza daquele minuto. Cantaram os galos ao longe, e ouviram-se como sentinelas de acampamento; os relogios das salas entoaram a balada merencoria das horas, e ouviram-se tambem, na rua, como registos da vida que quizessem fixar aquele momento de justiça na consciencia adormecida da raça.

* * *

Andavam bombas no ar; e até a ferrugem das estatuas era, para nós, o sangue dos herois a derramar-se nos plintos, num pregão de gloria, numa afirmação de bravura, numa revivescencia linda do passado... Terceiro tiro. A emoção esmaga; o sentimento patrio quere explodir. Há meia duzia de vozes que se erguem em clamor de apoteose. Viva!...

Mas é cedo ainda! Aquele brado do canhão foi, apenas, a ultima lagrima chorada pela Patria sobre o tumulo dos que até na morte tinham sabido vencer.

E o silencio prosseguiu, mais soturno, mais maguado, mais triste do que nunca.

Parou a vida. Parou a labuta. Cessaram, até, as discussões. E, ante nossos olhos, surgiu o passado, a erguer-se, a vir para nós do além de gloria que é o nosso orgulho, envolto na nevoa da distancia, como num sonho, numa aparição formidavel de milagre.

Outro tiro. Era o fim... era o despertar do sonho que começava...

* * *

Foi isto o que nós vimos e ouvimos.

E' pouco? Mas como querem os senhores que a gente lhes conte o que disseram tantos milhares de corações naqueles dois minutos em que a cidade inteira se calou como se calam os tumulos nas noites solitarias da mort[e]

RECITAL
Rey Colaço

No recital de lieder que na noite de terça feira, 10, realizam no Conservatorio as Sr.as D. Alice e D. Maria Rey Colaço, vão ser executadas pela 1.ª vez em Lisboa as «7 canções populares espanholas» de Manuel de Fala sabre as quais o critico francês A. Mangeot disse recentemente, quando da sua execução em Paris por Mademoiselle Alicita Felici, distinta cantora cubana.

«Ou sommes-nous? Dans un faubourg de Grenade sous le ciel de l'Alhambra, ou bien á Murcie, au pays des seguidillês? Quelle étrange vision!

Les fatidiques realisations se succedent. Après le mauresque «Paño Moruno», voici la «Seguidilla Murciana» avec son cahotement de triolets secouant le grelot des mulets. Voici le chant d'amour de l'«Astariana», chant tréssé voilé de larmes. Voici la «toja» vive et impetueuse, la «Berceuse», la farouche «Cancion» et le fulgurant «Polo».»

Esta interessantissima e curiosa composição pertence tambem ao repertorio de madame Vera Janacopulos que toda a Lisboa culta aplaudiu com delirio o ano passado em S. Carlos.

ROUBO
de dinheiro

Apresentou queixa á policia Gracinda da Conceição, rua de Buenos Aires, 57, 3.º esq., de que José Pinto, com ela morador, lhe roubou 2 cordões de ouro, uma medalha, uma figa com aro de ouro e bem assim a quantia de 1:200$00, tudo no valor de 2:620$00.

TAUROMAQUIA

SANTAREM—Cabe a Santarem este ano o inaugurar a epoca tauromaquica e, como sempre, a mesa do hospital de Jesus Cristo, para quem reverte o produto da corrida, não se poupou em organisar um «cartel» de primeira, toureando a cavalo o laureado artista Simão da Veiga Junior e a pé Teodoro Gonçalves, Luciano Moreira, F. Rocha e Rafael e Francisco Gonçalves, filhos do grande toureiro da Golegã, e João Malhou da Costa, que lidará um touro embolado á espanhola. A lide será dirigida pelo antigo aficionado sr. João Marcelino de Azevedo e o curro pertence ao abastado lavrador sr. Emilio Infante da Camara.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140